

# **A primeira viagem de Colombo à América ficcionalizada pelo romance histórico hispânico do século XX**

Ms. Gilmei Francisco FLECK<sup>1</sup>(UNIOESTE/PG UNESP)

*Lento, sin dudas, fue el viaje de descubrimiento de Colón. [...] Amanecieron los españoles, sin saberlo, en un Nuevo Mundo y comenzó una nueva fase irreversible de la historia universal. [...] Más tarde el viaje de las ideas se hizo más lento, divagante e incompleto. (USLAR PIETRY, 1985, p. 337).*

O signo viagem está associado à idéia de descobrimento. Quando a esta concepção se conjuga todo um imaginário baseado no exótico, quando não mítico e fantástico, tem-se a combinação dos elementos que originaram o que hoje se considera um dos maiores feitos da humanidade: a primeira viagem de Colombo rumo à Índia, pela rota via Oeste, em 1492 – experiência que gerou o primeiro encontro registrado na história entre os povos europeus e os habitantes autóctones das terras americanas. Ao sulcar as águas do Atlântico, Colombo não apenas ultrapassou as fronteiras conhecidas do mundo ocidental de então, mas, de fato, como registra Octavio Ianni (2003, p. 13), dissolveu-as e recriou-as, tanto no sentido literal quanto no metafórico, como só as grandes viagens conseguem fazer.

Carlos Fuentes (1992, p. 94), sintetiza a narrativa desta viagem nas seguintes palavras:

*Una flotilla de tres carabelas, La Pinta, La Nina y la Santa María, zarpó del puerto de Palos el 3 de agosto de 1492. Navegando siempre hacia el oeste, después de 66 días de falsas esperanzas, estrellas desplazadas, fantasmales islas de nubes, quejas de la marinería y motín abierto, Colón tocó tierra el 12 de octubre de 1492 en la pequeña isla de Guanahaní, en las Bahamas, bautizada con el nombre de San Salvador. Colón pensó que había llegado a Asia.*

A viagem de Colombo está marcada pelo enfrentamento entre forças díspares que, ao mesmo tempo em que impulsionavam a busca pelo novo e desconhecido, atrelavam-se também aos limites ainda bastante reduzidos dos conhecimentos científicos da época. O Atlântico, na concepção medievalista que ainda imperava, era um espaço mítico, habitado por monstros marinhos e sua verdadeira extensão era desconhecida como o era também a real circunferência do globo. Tais aspectos tornaram a possibilidade da viagem proposta por Colombo uma incógnita que levou a vários dos sábios que analisaram a proposta a considerá-la impossível de ser concretizada.

A realização desta aventura encontra-se registrada em um Diário. Palavras adquirem, nesse espaço de representação simbólica, a capacidade de gerar imagens que buscam, no universo lingüístico, meios e formas de aproximação entre elementos do cotidiano e as novas imagens que se delineiam ante a visão do viajante que, para defini-las, lança mão de estratégias narrativas. Entre as mais comuns estão as comparações e descrições hiperbólicas as quais produzem um processo de busca de apreensão de uma nova realidade. Exercícios de imaginação são, assim, inerentes ao próprio ato de registrar daqueles que se aventuram pelos horizontes ainda não

---

<sup>1</sup> Gilmei Francisco Fleck – Mestre e Doutorando em Letras – UNESP/Assis. Professor de Literaturas Hispânicas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel. E-mail: [chicofleck@yahoo.com.br](mailto:chicofleck@yahoo.com.br)

desbravados. Colombo, neste sentido, não é exceção, mas um perfeito modelo. Ao escrever um diário da viagem no qual relata as suas façanhas, Colombo prevê seus leitores que, em primeira instância, seriam os Reis Católicos.

Este *Diário de bordo* da primeira viagem de Colombo às “Índias Ocidentais”, cujo manuscrito foi entregue aos Reis Católicos após finda a jornada, desapareceu nos arquivos da Corte Espanhola, restando dele somente algumas cópias. Uma destas foi utilizada por Bartolomé de Las Casas para fazer a recompilação daquilo que hoje dispomos como fonte histórica. Neste sentido, como define Heloísa Costa Milton (1992), o *Diário* resulta num documento repleto de interferências, no qual

[...] coexistem as palavras e expressões literais de Colombo, em primeira pessoa e devidamente assinaladas por aspas; a mediação lingüística que realiza Las Casas ao transcrever, em terceira pessoa, as colocações originais; além dos comentários, explicações e reflexões pessoais que insere o próprio compilador sobre as informações que maneja. (MILTON, 1992, p. 173).

Essa organização discursiva que se encontra presente no *Diário de bordo* revela a dimensão das interferências que o documento sofreu ao ser recompilado pelo religioso. Quanto ao seu conteúdo, percebe-se uma clara divisão: primeiro são feitas anotações sobre as distâncias percorridas, os acontecimentos observados na natureza, condições climáticas, observações inerentes às rotas seguidas, etc. Por outro lado, ao finalmente confirmar-se a presença da terra tão buscada, o relato transborda em imagens geradas pelas forças subjetivas reprimidas que exaltam a beleza, a raridade e a exuberância das visões que o Caribe americano oferecia aos marinheiros já sem esperanças de encontrar as terras de Cipango e Cathay.

A viagem de Colombo resulta, segundo analisa Edmundo O’Gorman, num processo de “invenção” da América, feita a posteriori, pela necessidade de configurar, na história oficial e no imaginário do povo europeu o aparecimento deste Novo Mundo. Segundo O’Gorman, em *La invención de América* (1958): “*al llegar Colón el 12 de octubre a una pequeña isla que él creyó pertenecía a un archipiélago adyacente al Japón fue como descubrió a América. Bien, pero preguntemos si eso fue en verdad lo que él, Colón, hizo o si eso es lo que se dice que hizo*”. (O’GORMAN, 1984, p. 15).

Tais proposições sobre a viagem de Colombo têm despertado várias reflexões. Octavio Ianni (2003, p. 23), por exemplo, afirma que “[...] com a invenção do Novo Mundo alteram-se a geografia e a história, compreendendo os sentidos de espaço e tempo, e envolvendo uma transformação radical dos quadros sociais e mentais de referência”. A viagem de Colombo tem, assim, um impacto não somente sobre ele e seus homens assustados, conforme expressa Ianni (2003, p. 23), ante “o descobrimento de outras coisas, gentes e idéias, envolvendo hábitos, modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular alheios, estranhos, incômodos e surpreendentes”, mas sobre toda a humanidade que até os dias atuais busca compreender a verdadeira dimensão deste encontro.

A terra e suas gentes são, como de costume, as primeiras imagens a serem (re)elaboradas pela capacidade de manipulação da palavra do viajante que necessita ordená-las e configurá-las dentro de seu universo. Assim, o equivocado marinheiro, sonhando haver pisado as ricas e promissoras terras da Índia descritas por Marco Pólo em seu *Imago Mundo* – leitura que inspirou Colombo desde longos anos –, lança-se ao desafio de transformar imagens em palavras, a fim de “acomodar” a nova realidade à sua fantasia cristã-européia, contaminada pelo imaginário oriental encontrado nos relatos de Marco Polo. Uma tarefa que, como todo viajante sabe, passa, necessariamente, por um rigoroso processo de seleção. Desse modo formam-se as primeiras imagens da terra e do homem americano no fabuloso imaginário europeu do final do século XV:

[...] *porque cognoçi que era gente que mejor se libraría y convertiría a nuestra sancta fe con amor que no por fuerça, les di a algunos d’ellos unos bonetes*

*colorados y unas cuentas de vidrio que se ponían al pescueço, y otras cosas muchas de poco valor, con que ovieron mucho plazer y quedaron tanto nuestros que era maravilla. [...] Ellos andaban todos desnudos como su madre les parió [...] muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruesos cuasi como sedas de cola de cavallo e cortos. [...] D'ellos se pintan de prieto, y d'ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y d'ellos se pintan de blanco [...]. Ellos no traen armas ni las conocen, porque les mostré espadas y las tomavan por el filo y se cortavan con ignorancia. No tienen algún fierro; sus azagayas son unas varas sin fierro y algunas d'ellas tienen al cabo un diente de peçe, y otras de otras cosas. Ellos deben ser buenos servidores y de buen ingenio [...] Y creo que ligeramente se harían cristianos.* (VARELA, 1983, p. 62-63).

Diante das adversidades, Colombo fantasiava a realidade, reelaborando-a para servir aos seus propósitos, imaginando com tanta convicção, buscando que os fatos fossem como ele os queria e necessitava, que acabava acreditando nas próprias invenções. Como não bastava para ele apenas crer em suas invenções, era necessário também registrá-las, pois, segundo Madariaga (1947, p. 154), Colombo foi “[...] *hombre ante todo de carácter contemplativo, en la quietud de su contemplación, la imaginación se le inflama. Esta luz de fuego interno no tarda en oscurecer la luz de los meros hechos de afuera. La realidad se transfigura al influjo de los valores subjetivos*”. Assim, temos no Diário de Cristóvão Colombo o “discurso da maravilha americana”, como menciona Milton (1992, p. 177), que é, no parecer de Mantilla (1979), a obra inaugural do realismo mágico latino-americano:

*La llamada literatura mágica de América Latina, que es tal vez la literatura más realista del mundo, está circunscrita a un área cultural muy concreta, el Caribe y Brasil. Se piensa que su carga mágica se debe al elemento negro. Pero en realidad es anterior. La primera obra maestra de la literatura mágica es el Diario de Cristóbal Colón. Y ya estaba tan contaminado de la magia del Caribe que la propia historia del libro es inverosímil.* (MANTILLA, 1979, p. 196).

O teor inventivo dos escritos de Colombo é fato ressaltado pelos estudiosos em geral. Alcibiades Delamare (1936, p. 72), analisando a vida e os feitos do navegador e buscando traçar um perfil psicológico do Almirante, afirma que, sensibilizado pela exuberância da paisagem que as novas terras lhe proporcionaram “[...] Colombo deixou impregnadas de um requintado senso estético, de uma poesia espontânea, de um lirismo tocante as descrições que fez das viagens realizadas, das terras percorridas, dos mares navegados, dos horizontes que devassara, da natureza que contemplara, na visão luminosa do futuro”.

As narrativas de viagem são, em sua grande maioria, reflexos da capacidade de ver o mundo e o “outro”, externados pelo viajante por meio do seu particular modo de usar a linguagem. Os estudos biográficos sobre o Almirante não se isentam de comentários a este respeito. Salvador de Madariaga (1954, p. 329), tratando do assunto, registra: “[...] *las más de las veces, Colón no escribe hechos sino emociones cuyo fuego, alimenta con hechos reales o imaginarios que le sirven de mero combustible*”. O alemão Jacob Wassermann (1930, p. 94) também se refere ao estilo de Colombo ao registrar as impressões que lhe causavam as novidades encontradas no Novo Mundo e menciona que Colombo “[...] *pone manos a la obra y su pluma se desborda en descripciones embelesadas*”. Compara-o com um comerciante que busca realçar as qualidades de um produto novo e inédito para que o cliente encontre alguma razão para comprá-lo, sem inteirar-se da realidade presente e palpável que o circunda: “[...] *un comerciante lleno de imaginación que exagera su crédito y a quien la espera de la ganancia quita el sueño*”. (WASSERMANN, 1930, p. 95).

A importância que a viagem de Colombo tem como evento histórico, além do contexto que a promoveu, aliado ainda a esta forma singular de registrá-la, adotada pelo marinheiro, possibilita a representação de um mundo riquíssimo em fatos e personagens que têm alimentado um número extraordinário de romancistas na contemporaneidade. Estes, baseando-se nos registros feitos por Cristóvão Colombo, revelam, pela arte literária e pela liberdade que esta lhes proporciona, novas perspectivas aos relatos considerados oficiais, inovando, inclusive, as concepções do próprio romance histórico.

A visão histórica tradicional tem sido desmistificada por estes romancistas históricos que reelaboram a primeira viagem de travessia ao Atlântico feita por Colombo em 1492. O discurso ficcional busca, entre outros aspectos, mostrar como o processo de descobrimento e exploração das terras americanas pode ser visto sob outras perspectivas além daquelas registradas, em primeira instância pelo Almirante e, em seguida, pelos “cronistas das Índias”. O discurso dos europeus ganha novas perspectivas nas obras dos romancistas históricos latino-americanos, pois é, em grande parte, abertamente contestada. A este respeito cabe mencionar os estudos críticos sobre os discursos narrativos da conquista da América realizados por Beatriz Pastor (1983), nos quais a autora busca explicar o processo de construção da imagem da realidade americana efetuado nos registros feitos pelos europeus. Em *Discurso narrativo de la conquista de América*, Pastor refere-se ao processo de seleção e manipulação dos dados sobre o novo mundo, registrados pelos conquistadores, como sendo um processo de “ficcionalização” da realidade:

*Colón no dedicó sus facultades a ver y conocer la realidad concreta del Nuevo Mundo sino a seleccionar e interpretar cada uno de sus elementos de modo que le fuera posible identificar las tierras recién descubiertas con el modelo imaginario de las que él estaba destinado a descubrir.* (PASTOR, 1983, p. 47).

Esse processo de adequação feita por Colombo em seus registros de viagem sobre o que se buscava e o que se encontrou está presente ao longo de todo o seu Diário e em suas cartas. Edmundo O’Gorman (1984) considera, conforme registramos, esse processo como “invenção”, Beatriz Pastor o vê como “ficcionalização” e Celia Fernández Prieto (2003, p. 156), vai mais adiante, afirmando que, no caso específico de Colombo e Cortés, não houve ficcionalização, houve fraude, houve mentira: “[...] precisamente este uso fraudulento de los discursos de verdad pone de relieve como los conquistadores españoles contaban la historia de acuerdo con sus intereses políticos, silenciando cuanto podía acarrearles desprestigio ante sus superiores”. Fernández Prieto vê nesse fato uma das justificativas plausíveis para os procedimentos adotados pela nova narrativa histórica latino-americana no tocante ao tratamento dos materiais históricos. Ela entende que a “outra” história do descobrimento e da conquista, com suas versões e interpretações, imagens e entonações próprias de conquistados, seguia pendente, e uma das vias possíveis para expressá-las foi encontrada pelos romancistas, pois nestas obras [...] *los escritores buscaron las vías para dar voz a esa memoria viva de sus pueblos y para exponer no sólo lo que significó para ellos la llegada de los españoles y los europeos, sino también lo que pensaban de aquella civilización que destruyó su mundo y su cultura. Y una de estas vías la encontraron en la novela histórica.* (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).

No âmbito da literatura hispano-americana contemporânea o conjunto da obra de Gabriel García Márquez, por exemplo, inclui várias referências ao descobrimento de nosso continente e ao Almirante. Destacamos entre elas *El otoño del patriarca* (1975) que faz referência ao Almirante, sem que este seja seu protagonista. Nesse romance a ficcionalização da chegada de Colombo à ilha de Guanahaní dá-se de forma paródica e carnavalizada. A narrativa evoca os registros do Diário, especificamente nos dias 11 e 13 (subentendendo-se o dia 12) de outubro de 1492. Numa multiplicidade de vozes, os nativos americanos relatam ao General protagonista do romance como se deu o seu encontro com “[...] unos forasteros que parloteaban en lengua ladina [...]” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1997, p. 48). Assim, inverte-se o discurso oficial unívoco do Diário

e dá-se voz (múltipla) aos conquistados que se manifestam numa linguagem carregada de humorismo, ironia e criticidade, que aponta a inadequação dos europeus àquelas terras, pois “[...] *no decían el mar sino la mar y llamaban papagayos a las guacamayas, almadías a los cayucos y azagayas a los arpones [...]*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1997, p. 49). Tal inadequação não é apenas lingüística: “[...] *y habiendo visto que estábamos pintados para no despellejarnos con el sol se alborotaban como cotorras mojadas [...], ellos estaban vestidos como la sota de bastos a pesar del calor [...]*” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1997, p. 49). Este curto episódio, que não chega a ocupar três páginas do romance de García Márquez, pode ser visto como uma síntese do tratamento poético dispensado ao tema pelos romancistas no novo romance histórico latino-americano (MENTON, 1993).

A imagem de selvagens ingênuos e de bons serviçais, esboçada e reiterada tantas vezes nos registros do Almirante, recebe, pelo discurso ficcional contestador e pela posição crítica do autor, uma função muito mais significativa, na qual os conquistados assumem o papel ativo que lhes foi negado pelos registros oficiais. Assim, a “festa” da chegada à ilha de Guanahaní é feita pelos indígenas, que, fantasiados com seus bonés colorados e colares de pepitas de vidro, conseguidos com astúcia e esperteza dos recém-chegados, se divertem com os estrangeiros, como nos carnavais atuais.

*Cambiaban todo lo que teníamos por estos bonetes colorados y estas sartas de pepitas de vidrio que nos colgábamos en el pescuezo por hacerles gracia, y también por estas sonajas de latón de las que valen un maravedí y por bacinetas y espejuelos y otras mercerías de Flandes, de las más baratas mi general, y como vimos que eran buenos servidores y de buen ingenio nos los fuimos llevando hacia la playa sin que se dieron cuenta, pero la vaina fue que entre el cámbieme esto por aquello y le cambio esto por esto otro se formó un cambalache de la puta madre y al cabo rato todo el mundo estaba cambalachando sus loros, su tabaco, sus bolas de chocolate, sus huevos de iguana, cuanto Dios crió, pues de todo tomaban y daban de aquello que tenían de buena voluntad, y hasta querían cambiar a uno de nosotros por un jubón de terciopelo, para mostrarnos en las Europas, imagine usted mi general, qué despelote [...]* (GARCÍA MÁRQUEZ, 1997, p. 48-49).

O humor com que os povos autóctones vêem os estrangeiros, o desprezo que manifestam em relação aos presentes que ganharam, a linguagem marcada por sintagmas de oralidade, a voz narrativa polifônica que inverte o relato canônico, a troca do foco narrativo anteriormente marcado pela visão dos europeus e agora transferido aos nativos, realçam a ironia e acentuam os tons de crítica. No relato ficcional os nativos assumem o comando das ações referentes ao encontro entre as duas civilizações, e os estrangeiros são vistos como “*buenos servidores y de buen ingenio*”. A dialogia faz-se vertente que possibilita o convívio, a contraposição e, paradoxalmente, a justaposição de discursos antagônicos.

A literatura cubana também é destaque na reescritura da primeira viagem de Colombo à América com a presença marcante de *El arpa y la sombra* (1979), de Alejo Carpentier; *El mar de las lentejas* (1979), de Antonio Benítez Rojo e *Colombo de terrarrubra* (1994), de Mary Cruz. Embora a temática da viagem seja tônica das três obras, é no romance de Alejo Carpentier que a própria metáfora da viagem ganha a sua maior expressividade.

A viagem é, juntamente com as paródias que se estabelecem entre os Papas – Pio IX e Leão XIII – e suas ambições e a saga do descobridor, elo de conexão entre os diferentes eventos e tempos históricos abordados no romance. As lembranças da viagem do jovem Mastai à América permitem-nos vislumbrar as idéias, as imagens, as sensações, as impressões que este teve ao chegar às terras descritas por Colombo em seu Diário, uma terra que seguia selvagem, rude, a seu ver, ainda não civilizada. As duas viagens, a de Colombo e a do jovem Mastai – futuro Papa Pio

IX – se fundem ainda mais no segundo capítulo, que tem Colombo como protagonista. Este, diante da eminência da morte, espera pelo chegada do sacerdote e planeja sua última confissão.

No fluxo de consciência no qual se constitui o segundo capítulo, faz-se a retomada de sua primeira viagem à América. Esta, na releitura crítica que a própria personagem faz de seu Diário de Bordo, ganha outras conotações e novos matizes. Já no terceiro capítulo o Almirante ganha *status* de ser “invisível” – um ente fantasmagórico que presencia seu próprio julgamento de canonização e torce na esperança de receber um espaço entre os santos católicos. Negada tal possibilidade, o ser “invisível” é condenado a vagar, neste estado, sem rumo – numa viagem interminável já que em vida nunca teve um lar fixo nem uma pátria que o acolhesse.

Na América do Sul, o tratamento dispensado pelos romancistas hispano-americanos à reescritura da primeira viagem de travessia ao Atlântico, efetuada por Colombo, não é menos ousado nem menos crítico. Projetos literários confluentes surgem no Uruguai, na Argentina e no Paraguai. Reescrever a viagem de Colombo sob perspectivas que pudessem abranger a dimensão deste feito, estabelecendo vínculos e relações que dessem conta das causas e das consequências deste fato é o projeto comum que se percebe ao ler os romances que se aventuram a recontar a travessia primeira do Almirante.

A seguir mencionaremos alguns desses bem logrados projetos, dentre os quais podemos destacar a obra *Los perros del paraíso* (1983), do argentino Abel Posse. De todos os romances da poética do descobrimento essa obra pode ser considerada a mais experimentalista, tanto em seus aspectos estruturais como no tratamento do material histórico, na configuração das personagens, no uso da linguagem e no emprego de estratégias narrativas.

Ao longo da narrativa de Posse vemos, nos dois primeiros capítulos – *Aire e Fuego* –, o mundo ibérico, revigorado pelo poder do erotismo centrado em Isabel e Fernando, uma nova realidade ibérica que se funde com o mundo dos autóctones americanos. É no terceiro capítulo – *Agua* –, porém, que a viagem de Colombo torna-se o centro da narrativa: “[...] *el horizonte del velo espacio-temporal fue quebrado por la proa de la Santa María*” (POSSE, 1983, p. 175). Assim, as três primeiras viagens de Colombo à América constituem apenas uma grande aventura na qual os eventos marcantes de cada uma delas ganham uma nova cronologia nessa única fantástica e anacrônica viagem que o Almirante empreende em busca do paraíso perdido.

Desse modo, e pela atuação dos personagens, – tripulantes como Ulrico Nietz, Todorov e o cego Osberg de Ocampo – referências a Nietzsche, Tzvetan Todorov e ao controvertido Jorge Luis Borges e sua relação com Silvia e Vitória Ocampo – a viagem de Colombo ganha na ficção de Posse toda a dimensão da representação da modernidade ocidental. Esta, aliada a uma feroz crítica da qual nenhum setor ou personagem se escapa, é construída com base no humor, na carnavalização, na paródia, quando não na pura ironia.

Quando, em 1992, o mundo se preparava para celebrar a expansão oportunizada à humanidade pela viagem de descobrimento de Colombo em 1492, tal viagem estava passando por outro processo de revisão crítica: vinha à luz o romance *Vigilia del Almirante*, do paraguaio Augusto Roa Bastos. Uma narrativa pluridiscursiva, que resgata o valor da cultura oral dos povos autóctones, denuncia a imposição da cultura letrada dos conquistadores num território onde imperava a oralidade e revisa os registros autográficos do Almirante por meio de um jogo de focos narrativos que se alternam.

Na ficção de Roa Bastos, a viagem de Colombo é retomada em sua agonia final, no momento da última confissão – na Vigília. Nesse estado em que “*lo real y lo irreal cambian continuamente de lugar*. [...] *El giro circular del tiempo transcurre a contratiempo. La rotación de los años tenuemente retrocede*. (ROA BASTOS, 1992, p. 19), as aventuras da travessia ganham novas perspectivas. Os registros do Diário de Bordo servem como desencadeadores das reflexões do personagem que, aos rememorá-los, dá-lhes novos significados e acrescenta-lhes o teor de outras razões que os motivaram. Rever criticamente suas ações, os motivos de sua

viagem, as anotações feitas no Diário, acabam por levá-lo, no momento final de sua vida, a deixar um novo testamento no qual todos os seus pleitos anteriores são renunciados. Pede o Almirante que as terras por ele descobertas “*sean devueltas a sus propietarios genuínos y originales*” (ROA BASTOS, 1992, p. 298).

Já inserido no contexto do novo milênio, encontra-se o romance *El último crimen de Colón* (2001), do argentino Marcelo Leonardo Levinas que também adota uma clara posição de questionamento dos fatos registrados na história oficial. Isso se manifesta, dentre outras formas, ao se anunciar que o Almirante não revela os muitos segredos que possui no *seu Diário de Bordo* oficial, escrito para a rainha. Aproveitando-se do fato de que este documento oficial desapareceu, restando dele apenas algumas cópias, das quais uma passou pela revisão de Las Casas, no século XVI, e mais tarde pelo historiador Martín Fernández de Navarrete, no final do século XVIII, o narrador faz-lhe correções e comentários, parodiando este trabalho de recompilação. Indica, ainda, a possível existência de um *Diário* secreto, no qual Colombo supostamente anotou os devastadores segredos de sua viagem. Esses documentos são a base na qual o romance busca sua inspiração. O argumento – baseado no encontro dos manuscritos perdidos do Almirante – tem respaldo histórico e torna-se, deste modo, verossímil. Assim, o *Diário* de Colombo pode ser reorganizado outra vez, tarefa da qual se encarrega o narrador. Baseado na real existência dos manuscritos do Almirante – cuja escritura é mencionada no *Diário* de bordo recompilado por Las Casas –, supostamente encontrados e postos à disposição dos historiadores, dá-se início a uma nova reescritura da fonte histórica. O romance, deste modo, constitui-se no Diário Privado da viagem de descobrimento da América. Neste registro a subjetividade dá espaço aos sentimentos íntimos, cuja escritura não necessita obedecer às normas vigentes na época, quando tais registros tinham a função de criar uma imagem apreciável e enaltecida do escrevente perante os superiores.

Assim, o narrador de Levinas vai reconstruindo o diário como se o romance fosse o diário íntimo e autêntico, enquanto os demais registros oficiais, são concebidos como uma maneira do Almirante satisfazer a seus superiores pois “*cada vez que escribía el Diario, imaginaba al lector-casi siempre su reina-, recreando con los ojos una epopeya original*” (LEVINAS, 2001, p.110), na qual só se poderia registrar aquilo que o enaltecisse diante da história como aponta Fernández Prieto (2003). Desse modo, ao longo do relato da travessia do mar tenebroso, surpreendentes imagens do Almirante vão se formando. No limitado espaço oferecido pela *Santa María*, se amplia o espaço psicológico do protagonista e nos é dado a conhecer, através de um narrador autodiegético, a sua forma única de ver e perceber o mundo. Assim nos deparamos com um homem de raciocínio apurado que domina profundamente as mais diversas áreas do conhecimento cultivadas então e no consolo do vinho e de sonhos de glória, surge um ser inescrupuloso capaz de tudo, inclusive de matar, para que não seja revelada à tripulação a verdade por ele omitida ou falsificada em relação à distância percorrida pelas embarcações rumo ao novo continente durante a viagem do descobrimento. Na combinação de técnicas narrativas próprias de um romance de aventura e policial, temos um relato envolvente e criativo, que além de deleitar também nos leva a questionar os meios e modos de como se escreveu a história do nosso continente, e principalmente com que intenção os registros oficiais, que constituem as fontes de pesquisa históricas, foram efetuados.

Entre as obras romanescas da América do Sul que recriam a viagem de Colombo não poderíamos deixar de mencionar a do uruguaio Alejandro Paternain (1980), romance simples, contudo, extremamente atrativa e original, titulado *Crónica del descubrimiento* (1980). Índícios dessa forma de reler os eventos marcantes de 1492 já haviam aparecido antes em *Daimón* (1978), de Abel Posse (1989, p. 28), onde se pode ler: “*el 12 de Octubre de 1492 fue descubierta Europa y los europeos por los animales y hombres de los reinos selváticos*”. A técnica consiste, pois, em inverter o fluxo da viagem: não é Colombo que vem à América, mas sim, aventureiros autóctones

se arriscam a cruzar o Atlântico e descobrem a Europa e seus estranhos habitantes de costumes exóticos e ações bárbaras.

A mesma idéia é retomada, já em 2006, pelo argentino Federico Andahazi, em *El Conquistador*, que apresenta o mesmo esquema da obra de Paternain. Assim, as peripécias do navegante Yasubiré – personagem da obra de Paternain – e de Quetza – protagonista do romance de Andahazi – em suas travessias ao Atlântico ficam registradas em forma de crônicas “*de los tiempos en que el mundo tuvo la oportunidad única de ser otro*”. (ANDAHAZI, 2006, p. 13). Conhecer essas possibilidades constitui-se em uma nova aventura pelas viagens da literatura. Assim, o leitor, ao embarcar nas piraguas de Yasubiré ou Quetza, pode aventurar-se na descoberta e conquista de Cuauhtlallotlan, como Quetza “*bautizó el nuevo continente, o Europa según el nombre con que lo llamaban los salvajes que lo habitaban*”. (ANDAHAZI, 2006, p. 12). Um desafio que, certamente, transformará as “embelezadas” descrições do Novo Mundo feitas por Colombo e tantas vezes contraditas pelas suas próprias ações e de todos os seus seguidores.

O *Diário de Bordo* (1492-1493) de Cristóvão Colombo é, pois, obra deflagradora de uma vasta quantidade de romances contemporâneos que, ao reler o passado que originou o encontro entre os europeus e os habitantes do continente americano, reelaboram sob a liberdade da arte literária as imagens da terra e da gente registradas por Colombo. São essas as viagens da literatura que nos possibilitam reler nosso passado, pois, segundo Todorov (1983, p. 12), “somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia”.

## REFERÊNCIAS:

- ANDAHAZI, F. *El conquistador*. Buenos Aires: Planeta, 2006.
- BENITEZ ROJO, A. *El mar de las lentejas*. La Habana, Cuba: Letras Cubanas, 1979.
- CARPENTIER, A. *El arpa y la sombra*. 18. ed.; México: Siglo Veintiuno, 1994.
- CRUZ, M. *Colombo de terrarrubra*. La Habana: Unión de Escritores y Artista de Cuba, 1993.
- DELAMARE, A. *Christovão Colombo: Perfil psicologico de Xristo-Ferens*. Rio de Janeiro: Pimenta de Melo, 1936.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2. ed. Barañáin: EUNSA, 2003.
- FUENTES, C. *El espejo enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. *El otoño del patriarca*. 3. ed. Barcelona: Plaza & Janés, 1997.
- IANNI, O. *Enigmas da modernidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MADARIAGA, S. de. *Vida del muy magnífico Señor Cristóbal Colón*. Buenos Aires: Sudamericana, 1947.
- MANTILLA, A. R. *García Márquez habla de García Márquez*. Cromos, 1979.
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- O’GORMAN, E. *La invención de América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.
- PASTOR, B. *Discurso narrativo de la conquista de América*. La Habana: Casa de las Américas, 1983.
- PATERNAIN, A. *Crónica del descubrimiento*. Montevideo: Banda Oriental, 1980.
- POSSE, A. *Daimón*. Buenos Aires: Emecé, 1989.
- POSSE, A. *Los perros del Paraíso*. 3. ed. Barcelona: Argos Vergara, 1983.
- ROA BASTOS, A. *Vigilia del Almirante*. Asunción: RP Ediciones, 1992.
- TODOROV, T. *A conquista da América*. A questão do outro. Trad. Beatriz Pessone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- USLAR PIETRY, A. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.



VARELA, C. *Cristóbal Colón: Los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza, 1986.

WASSERMANN, J. *Cristóbal Colón: El Quijote del Océano*. Trad.: Eugenio Asensio. Madrid: Ulises, 1930.